

RESENHAS

Versão original

O FUTURO DA MEDICINA É VIRTUAL?

THE PATIENT WILL SEE YOU NOW. The future of medicine is in your hands.

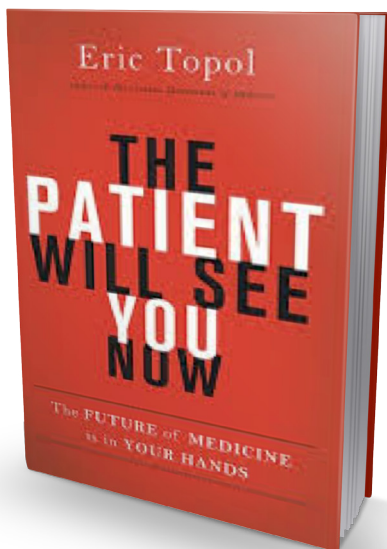
Eric Topol. New York, USA: Basic Books, 2015. 364 p.

Uma nova fase na relação médico-paciente foi inaugurada, ainda que boa parte da academia e do mercado resista em aceitá-la. Exemplos que demonstram essa recente realidade demandam atenção por parte dos gestores do setor, o que justifica a divulgação deste livro. Eric Topol, médico cardiologista considerado uma autoridade no que tange ao futuro da Medicina, apresenta sua visão na obra dividida em três seções, a primeira composta por quatro capítulos, a segunda, por cinco e a terceira, por seis. As linhas mestres do texto são a democratização do acesso à saúde e a revolução da relação médico-paciente por meio do *empowerment* do paciente via tecnologia. O autor analisa as formas de assistência às doenças nos Estados Unidos da América e como a tecnologia pode modificá-las.

Na primeira seção, Topol aponta para a rápida disseminação de *smartphones*, que resultou no mencionado *empowerment* ou, conforme citado, “*the rise of smart patients*”. Essa alteração na relação médico-paciente é considerada, pelo autor, a maior evolução desde a invenção da prensa, permitindo a democratização do acesso à informação e pondo em xeque a formação paternalista dos médicos, que, segundo o autor, ainda persiste, apesar de todo o discurso em contrário.

O autor cita diversos aplicativos para celulares que conseguem realizar vários testes, fornecendo resultados com grande velocidade. Ele também traz à baila a criatividade, que simplifica e reduz custos relacionados a uma série de exames auxiliares de diagnóstico de necessidade discutível. A primeira seção termina com a narrativa do caso de Angelina Jolie e sua determinação em usar o conhecimento técnico-científico disponível para decidir, como paciente, se desejava se submeter a um procedimento cirúrgico para evitar o risco de desenvolver câncer de mama, em decorrência de uma mutação genética.

Na segunda seção, o autor aborda a discussão acerca do sequenciamento genético, do genoma e sua patenteabilidade, debatendo a possibilidade de criação de um sistema que permitisse a mescla de todas as informações disponíveis sobre determinado ser humano, como se fosse um *geographic information system* (GIS). Topol salienta que o sequenciamento genético de fetos para indicar importantes alterações cromossômicas já está em curso e que esse procedimento permitirá entender melhor



Por

DALTON TRIA CUSCIANO

dalton.cusciano@gmail.com

ORCID: 0000-0003-1690-2669

ANA MARIA MALIK

ana.malik@fgv.br

ORCID: 0000-0002-0813-8886

Fundação Getúlio Vargas, Escola de
Administração de Empresas de São Paulo –
São Paulo – SP, Brasil

as inter-relações entre os genes, impactando a prevenção de doenças, além de fornecer diagnósticos para uma série de condições que permanecem não classificadas e de possibilitar tratamento para outras.

O avanço da tecnologia permitirá diagnóstico e intervenções em níveis moleculares, modificando a forma de atuação do conhecimento médico e dos atores econômicos. Muitos exames hoje realizados em centros diagnósticos poderão ser feitos por meio de *smartphones*, com mapeamento diurno. O autor traz a história da empresa denominada Theranos, que se propunha a permitir, por meio da nanotecnologia, a realização de uma série de exames com apenas uma gota de sangue, por um preço substancialmente menor, garantindo ao paciente o acesso aos resultados. (nota – a empresa Theranos apareceu na mídia de negócios no ano de 2015 como incapaz de entregar os resultados que prometia).

Topol acredita que, num futuro próximo, *nanochips* serão inseridos no corpo humano, gerando uma série de informações, a serem interpretadas em microssegundos pelos próprios *smartphones*. Isso realocaria a posição da equipe médica de peça central para componente auxiliar nos diagnósticos e tratamentos. Quanto maior a quantidade de dados gerados, maior a necessidade de eles estarem interligados, fornecendo um panorama geral e específico. Esse fato reduziria o efeito da assimetria de informações hoje existente, defendendo o paciente que atualmente busca diversos médicos, de especialidades distintas, que costumam atuar de maneira isolada, sem analisar o todo e cujo diversificado receituário pode gerar interações medicamentosas indesejadas.

O oitavo capítulo do livro é dedicado exclusivamente à discussão dos custos do sistema médico como um todo e, principalmente, na realidade estadunidense. O autor faz uma comparação de preços, demonstrando a grande variação observada entre medicamentos e exames, dependendo do mercado, embora o preço dos insumos seja semelhante. Topol comenta que o sistema mencionado opera na lógica do *fee for service*, em vez de estimular a prevenção. O modelo atual leva ao desperdício de um terço de todos os recursos despendidos com saúde no país, o que equivale a seis por cento do total do seu (elevado) produto interno bruto.

Os custos de diversos insumos, em regra, não são de conhecimento dos médicos, em decorrência de contratos de confidencialidade firmados entre empresas atuantes no ramo e hospitais, tornando inviável a transparência desejada no século XXI. Ademais, as faculdades falham em demonstrar a importância de os jovens residentes conhecerem custos, bloqueando seu acesso a um importante critério para a sustentabilidade financeira dos sistemas de saúde.

O último capítulo da segunda seção traz o papel da Medicina virtual (telesaúde), que vem reduzindo o número de visitas de pacientes a médicos, apesar do aumento da longevidade e das doenças crônicas. Fica evidente como esse modelo pode ser explorado para aumentar o acesso à informação e reduzir custos.

A terceira e derradeira seção do livro tem início com uma discussão sobre a sustentabilidade dos hospitais diante da tecnologia e a ausência de transparência dessas instituições, principalmente no que tange a erros médicos e outros problemas de segurança, o que prejudica a *accountability*. O primeiro capítulo da seção discute se, no futuro, haverá hospitais que funcionem nos moldes atuais. A nova proposta (que já existe em outros países, como o Brasil) pode ser a transferência do número de serviços como paradigma de acesso à saúde para a residência do cidadão.

Mais à frente, o autor discorre acerca da ainda fictícia possibilidade de criação de um banco de dados com todas as informações de pacientes que padeceram e/ou padecem de uma mesma afecção, os tratamentos ministrados e os resultados alcançados. Essa possibilidade permitiria o avanço científico, delineando os melhores tratamentos para cada tipo de doença e perfil genético do paciente, além de possibilitar novas descobertas ante o intercâmbio de conhecimentos e dados. Os dados ainda permitiriam prever quando, como e por que determinada pessoa desenvolveria certa doença. Entre as preocupações expostas no livro, uma tem como base a real possibilidade de as inúmeras informações pessoais dos pacientes geradas pela tecnologia serem acessadas por *hackers*, que poderiam utilizar tais dados para lograr algum proveito.

Outra tensão existente apontada é entre a democratização do acesso à saúde e a individualização de tratamentos. Hoje elas se contrapõem, uma vez que a democratização pressupõe a redução de custos, enquanto a individualização de tratamentos tem por base sua possível majoração, dada a redução da economia de escala.

O livro abordado é inovador, trazendo possibilidades que, caso ocorram, alterarão os papéis de profissionais de saúde e de pacientes, trazendo a Medicina de ponta e os melhores tratamentos para as mãos, pulsos e olhos dos cidadãos. Todavia, os interesses impostos pelo mercado econômico-financeiro, a cultura paternalista predominante na Medicina, o baixo ou quase nenhum acesso à *internet* em muitas regiões do globo, a burocracia regulatória e a captura de seus agentes, além dos riscos inerentes à violação da segurança da informação, podem ser entraves à concretização da democratização da saúde, o que pode manter, no campo da ficção, para muitos, a realidade sugerida.